ISSN: 2358-8829

TRABALHO E EDUCAÇÃO NO CAPITALISMO: A DIALÉTICA ENTRE A REPRODUÇÃO SOCIAL E A LUTA POR EMANCIPAÇÃO HUMANA

Francisca Dávila Ferreira Braga [1]
Carlos Venasio do Nascimento Rodrigues [2]
Prof. Eliomar Araújo de Sousa [3]
Orientadora do Trabalho Profª. Drª Daniele Kelly Lima de Oliveira [4]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender a relação entre trabalho e educação, a partir da perspectiva marxista, entendendo que tal conexão se estabelece de modo intrínseco, pois segundo essa abordagem, é o trabalho que dá origem ao mundo humano ao transformar a natureza para atender as necessidades humanas. O trabalho, é esse complexo que vai chamar à vida aos demais complexos sociais e dentre eles, a educação que é, como afirma Saviani (2008), a capacidade de transmitir às futuras gerações o arcabouço histórico dos conhecimentos construídos pela humanidade ao longo do tempo, possibilitando a incessante produção do "novo".

Neste sentido, compreender essa relação é fundamental para desvelar as intencionalidades construídas diante de tais atividades exclusivamente humanas, que vem sofrendo transformações conforme o modo como os indivíduos se organizam em torno da categoria trabalho, que vai recebendo significados equivocados em determinados

[1]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA)Cnpq, bolsista FUNCAP/PBPU do Grupo de Estudos Gramsci e a Formação de Educadores, davilabraga720@gmail.com;
[2]Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA) Cnpq Venasioc@gmail.com;
[3]Professor da Faculdade de Educação de Itapipoca da Universidade Estadual do Ceará (FACEDI/UECE). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE). Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA) Cnpq, eliomar014@gmail.com;
[4] Professora efetiva da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Educação Brasileira (PPGEB/UFC). Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA) Cnpq, dankel28@yahoo.com.br;

ISSN: 2358-8829

modos de produção, principalmente quando os indivíduos são divididos em classes sociais, especialmente na sociedade capitalista. Desta forma, neste modelo de sociedade, a educação acaba atuando como um meio de dominação por aqueles que detém o poder, formando uma educação diferenciada, isto é, existe uma dualidade educacional.

Contudo, ao entendermos que essa relação de dualidade tem sua origem na divisão social de classes que se inaugura no final das comunidades primitivas, compreendemos que isso trata-se de um processo histórico, e não natural. Conforme a perspectiva ontológica, esses fenômenos são um aspecto da natureza humana, isto é, que produz o mundo humano e consequentemente deveriam levar os indivíduos a um processo de emancipação humana. Porém, para isso é preciso modificar a percepção construída sobre esses fenômenos sociais neste modelo de sociedade capitalista e entendê-los a partir de sua finalidade ontológica, a existência da própria sociabilidade humana, que pode ser transformada a partir da luta por uma estrutura social diferente, que perceba os indivíduos enquanto sujeitos e produtores de sua história.

Sendo assim, compreende-se que as categorias sociais trabalho e educação atuam conjuntamente na construção da sociedade, mas que sofrem contradições neste modelo de produção capitalista, que precisam ser superadas para ser possível construir relações sociais humanizadas, e consequentemente, uma concepção de trabalho não mais assentada na exploração, que promova uma educação que seja igual para todos e não fragmentada.

Portanto, este trabalho tem como objetivo compreender a importância da relação entre trabalho e educação para a construção de uma formação crítica voltada à emancipação humana. Para isso, buscamos analisar essas categorias a partir de conceitos marxistas, considerando suas finalidades ontológicas e as contradições que assumem na sociedade capitalista, especialmente no que se refere à dualidade educacional. Nesse sentido, buscamos compreender os limites impostos por esse sistema e as possibilidades de transformação social, considerando a necessidade de superar as relações de exploração e as desigualdades que produzem e reproduzem essa dualidade. Dessa forma, entendemos que a luta por uma educação comprometida com a emancipação humana exige não apenas a democratização do acesso ao conhecimento historicamente produzido, mas também a construção de relações mais democráticas e humanizadas, em direção à superação das contradições da sociedade capitalista.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica. Fundamenta-se no método do materialismo histórico-dialético, por compreender a realidade social a partir de suas contradições históricas e materiais. Para a construção da pesquisa foram analisadas obras de autores que discutem a relação entre trabalho e educação na perspectiva marxista, entre eles Marx, Lessa, Saviani, Netto e Braz, Coggiola e Mello. A análise buscou compreender como esses complexos sociais se articulam na sociedade capitalista, evidenciando suas determinações históricas, seus limites e suas possibilidades para a formação humana e a emancipação social. Portanto, compreende-se essa abordagem teórica como sendo "o método materialista histórico dialético, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis" (Pires, 1996, p. 86).

REFERENCIAL TEÓRICO

A interação entre os complexos sociais do trabalho e da educação permite construir principalmente o entendimento sobre as intencionalidades do atual sistema vigente na sociedade e seus desdobramentos, sendo imprescindível compreendê-los a partir de uma determinada perspectiva de análise desses fenômenos sociais de modo crítico. Desta forma, seguindo a concepção marxiana, busca-se apreender os fundamentos do desenvolvimento histórico e social, enfatizando a importância da luta de classes e das relações de produção como propulsoras das transformações históricas, que influenciam diretamente no tipo de ser humano que será formado.

Sob esse aspecto, é importante destacar que tal abordagem da sociedade baseia-se em um método de análise conhecido, como materialismo histórico-dialético, que se fundamenta em compreender a materialidade da vida dos sujeitos e como as sociedades se transformaram ao longo do tempo, constituindo-se em uma abordagem radicalmente diferente das anteriores, que explicavam o mundo humano a partir de concepções que transcendiam a realidade. Porém, seguindo esse método de análise, o trabalho e a educação são complexos sociais fundamentais na construção da sociabilidade humana. Portanto, nesta perspectiva:

> […] teríamos em Marx uma concepção radicalmente nova da relação entre os homens e sua história. Esta seria, em todas as suas dimensões, mesmo as mais essenciais, um construto humano, e não haveria nenhuma dimensão transcendente à história a determinar os processos sociais. Os homens seriam os únicos e exclusivos demiurgos do seu destino, não haveria aqui nenhum limite imposto aos homens senão as próprias relações sociais construídas pela humanidade (Lessa, 2001, p. 94).

A partir dessa compreensão, o materialismo histórico-dialético permite analisar a história humana como um processo construído pelos próprios seres humanos em determinadas condições materiais e relações sociais. Esse processo é marcado por contradições que influenciam a organização da sociedade e possibilita suas transformações ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o trabalho constitui a categoria fundante do ser social, pois, ao transformar a natureza para atender às necessidades humanas, possibilita o desenvolvimento de outros complexos sociais, entre eles a educação. Assim, compreender a história exige analisar as relações sociais de produção de cada época e como elas influenciam a constituição da sociedade e as possibilidades de transformação social. Neste sentido,

> O trabalho é, então, a protoforma da atividade humana. Tem acompanhado o homem desde os primórdios de sua existência, como atividade necessariamente útil, associada à produção dos seus meios de vida, à satisfação imediata de suas necessidades, como garantia de sua sobrevivência. O trabalho surge com a própria vida propriamente humana. O primeiro pressuposto de toda história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. Assim, o trabalho é o momento fundante da sociabilidade humana (Jimenez, Furtado, 2001, p. 31).

Por outro lado, compreendendo que essas modificações da ordem social vigente possuem suas possibilidades e limites no atual sistema capitalista, especificamente sob a égide do neoliberalismo, em que se tem o cerceamento dos poucos direitos conquistados pelos trabalhadores e a cobrança excessiva por resultados, isto é, pela produtividade na intenção da acumulação de mais riquezas, sobrevivendo assim às custas do aproveitamento do trabalho alheio, no qual se tem os capitalistas, donos dos meios de produção e os trabalhadores, que vendem sua força de trabalho para poder minimamente sobreviver.

Nesse contexto, a organização do trabalho na sociedade capitalista, que se estabelece na exploração da força de trabalho e na busca pela acumulação de riquezas,

provoca processos de alienação e desumanização da classe trabalhadora. Enquanto os proprietários dos meios de produção se apropriam da riqueza produzida, os trabalhadores precisam vender a sua força de trabalho para garantir sua subsistência. Essas contradições também se manifestam na educação, que, sob as determinações desse sistema, pode contribuir para reproduzir a divisão social de classes por meio de uma formação desigual. Enquanto a classe dominante tem maiores possibilidades de acesso a uma formação ampla, que favoreça o exercício de funções intelectuais e de direção, à classe trabalhadora é frequentemente destinada uma formação limitada às exigências imediatas do mercado de trabalho. Desse modo, a dualidade educacional contribui para manter as desigualdades sociais e para naturalizar a condição de exploração dos trabalhadores, ocultando seu caráter histórico e social.

> A complexificação das relações sociais impôs ao homem a criação de outras atividades que tenham a função de mediar a reprodução social. Surge, portanto, a educação, atividade fundada pelo trabalho. Sua função é, pois, a reprodução do ser dos homens cujas objetivações precisam ser universalizadas para todos os indivíduos. Valores, ideias, conhecimentos, habilidades, hábitos, descobertas, etc. precisam ser socializados pelos homens historicamente determinados e repassados para as gerações mais jovens (Freres, Rabelo, et al. 2008, p.1).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sob o prisma do modo de produção capitalista, a relação que a educação estabelece e transmite a partir da categoria trabalho, que se apresenta, nesse sistema, como uma atividade explorada e alienada, é a de reproduzir como hegemônicos os interesses, valores, saberes e ideias da classe dominante sob a classe dos trabalhadores para assim garantir sua dominação em todos os campos da vida humana. Portanto, acontece nessa realidade social a inversão da função social da educação, que já não transmite o conhecimento historicamente acumulado de forma igual para todos, mas torna-se uma mercadoria sob a ótica do capital, em que se observa a precarização da força de trabalho cada vez mais acentuada.

> A educação no sistema capitalista corresponde a uma educação voltada para atender as necessidades do capital em seu processo de expansão e acumulação ampliada. Produção da riqueza e de homens são postos, sob o capital, numa relação invertida: não é a produção da riqueza material que está a serviço do homem, mas o contrário: o que se produz não é para a coletividade, mas para alguns que se tornam historicamente

> proprietários dos meios de produção e de subsistência (Freres, Rabelo, et al., 2008, p. 3).

Conforme a lógica do mercado desvelada pelos estudos de Marx (2023) tem-se a produção incessantemente de mercadorias com seus valores de uso e troca, visando assim a extração da mais-valia que se refere a exploração da jornada de trabalhado, no qual os capitalistas embolsam parte da produção que o trabalhador produz e não é pago, sendo que isso já recai sobre outro conceito que é o salário, que supostamente paga as pessoas por sua força de trabalho quando, na verdade, é somente a ocultação de interesses dos capitalistas. Portanto, segundo Osvaldo Coggiola (1998), entende-se por mais-valia que:

> Em síntese: "denomino mais-valia absoluta aquela produzida através da prorrogação da jornada de trabalho; [...] Na realidade, ambos os métodos de acréscimo de mais-valia (absoluta e relativa) não se excluem, pelo contrário, os capitalistas se esforçam para aumentar o ritmo e a duração da jornada de trabalho, ao mesmo tempo que substituem o trabalho vivo por trabalho morto (máquinas), para aumentar a produtividade [...] (Coggiola, 1998, p. 24-25).

Nessa busca de compreensão acerca do funcionamento da sociedade capitalista, outra categoria importante é fetichismo da mercadoria, que exemplifica de modo muito nítido o que a sociedade capitalista produz e como ela modifica as relações sociais nesta estrutura social. Portanto, altera o mundo humano, a partir de suas ações voltada para o mercado e na produção de bens de valor de uso e troca, intensificando e fomentando a criação exacerbada de mercadorias, na qual a própria educação, em sua forma institucionalizada, a escola, torna-se também uma mercadoria.

Além disso, como explicado por Netto e Braz (2006), toda mercadoria possui uma utilidade, configurando-se em seu valor de uso e também um valor de troca, que expressa o valor que outra mercadoria tem ao ser trocada. Em vista disso, entende-se que, no sistema de produção de bens de consumo, o capitalista prioriza o valor de troca, pois este subordina as necessidades humanas à vontade do capital.

Vale mencionar que este conceito emerge dos estudos de Marx e explicado por Coggiola e outros autores marxistas, que de modo geral consiste em transformar até mesmo o ser humano em um objeto ou dar características próprias às mercadorias, quer dizer, esse modelo de produção coisifica o mundo dos indivíduos, principalmente com o tão desejável salário, que se personifica com o dinheiro.

ISSN: 2358-8829

> O fetichismo mercantil alcança a sua forma mais desenvolvida no dinheiro, que não é mais do que uma mercadoria criada pelos homens para servir de equivalente geral às outras, e que assume uma personalidade própria, como se fosse capaz de comprar todas as mercadorias por ser dinheiro [...] e ainda de comprar os próprios homens (Coggiola, 1998, p. 68).

O dinheiro torna-se o senhor do mundo, controlando assim as vontades e as ações humanas e estendendo essa influência em outros complexos sociais como na própria natureza da educação, que acaba sendo para o capitalista um meio de manipular as massas em prol de suas intencionalidades, mas de modo oculto. Além disso, na sociedade atual, por exemplo, com o seu discurso de que a melhor educação é aquela pela qual você paga com o seu dinheiro, ou seja, sob essa realidade os sistemas de ensino, que deveriam educar e formar os indivíduos para a criticidade e emancipação acabam formando as pessoas para os interesses do capital, ação essa que aprofunda as desigualdades sociais por meio de um ensino fragmentado e precarizado, principalmente para a classe trabalhadora.

Assim como também, abre-se a possibilidade e necessidade de vislumbrar um novo modelo de produção, que não mais esteja ancorado na exploração de uns sobre os outros, mas que se estabeleça na igualdade de produção e condição para todos, produzindo um complexo educacional que se assente nestes mesmos princípios, pois a base de perceber e praticar o trabalho, sendo a categoria fundante no mundo humano na perspectiva marxista, seria estabelecida não mais pela exploração, mas tendo em vista outro horizonte de produção, superando a dualidade educacional.

> Ao analisar essa nova sociedade, Marx e Engels identificaram que ao ser apropriada pela classe proprietária, o trabalho tornou-se em mercadoria e, na medida em que, tanto a atividade de trabalho quanto seu produto encontram-se totalmente estranhados do trabalhador, configurou-se sob o capitalismo a forma alienada de trabalho. [...] Assim, o trabalho que era ontológico e fundante do ser social, pois tinha como objetivo produzir mercadorias úteis para atender as necessidades humanas (valor de uso), tornou-se abstrato [...] (Mello, 2019, p. 6).

Sob esse viés, o desenvolvimento da divisão do trabalho, iniciado nas comunidades primitivas com a divisão das tarefas, e posteriormente intensificado devido às formas de organização societária que se desenvolveram ao longo do tempo, acumulando capital, através da propriedade privada e outras formas de exploração, acabou dividindo os indivíduos em classes sociais.

Aliás, com a configuração que se deu após as revoluções burguesas, o capitalismo transformou-se e continua modificando-se, opõe as forças intelectuais do processo de produção como propriedade alheia aos produtores que realizam o trabalho manual. O capital, nesse sentido, exerce o poder despótico ao dominar e dirigir as potências intelectuais da produção.

> [...] o sistema capitalista se alimenta dessa nova forma histórica do trabalho, que se dá na contradição entre o capital e o trabalho (agora em seu sentido abstrato, na forma assalariada). A relação antagônica de classe é a base social que possibilita a expropriação do trabalho, ou seja, a extração de mais-valia (tempo de trabalho não pago) e, portanto, a alienação do trabalhador [...] (Mello, 2019, p. 7).

Por outro lado, os autores que defendem as ideias marxistas já estabeleceram até as bases para o que seria um novo sistema societário, do qual marca a transição de um sistema que explora para o sistema socialista, que visa o bem-estar de todos os indivíduos, posteriormente se desenvolveu e originou o chamado comunismo, a partir da atuação política dos trabalhadores, objetivando uma sociedade sem classes sociais e a produção de bens para as necessidades humanas.

Contudo, o capitalismo frente a várias transformações, principalmente durante o período do Imperialismo, tem provocado verdadeiras crises, que levam os próprios capitalistas ao desenvolvimento de estratégias para que esse sistema consiga sobreviver a seu próprio autoconsumo, visto que, "[...] esse modelo de produção é constituído e dinamizado por contradições e só se desenvolve com a reprodução e ampliação dessas mesmas contradições" Netto e Braz (2006, p. 163).

Fazendo um paralelo ao trabalho dos professores, considerado uma atividade de segundo plano para os capitalistas, pois exige profundos investimentos, ou seja, se não obtiver resultados para o capital, torna-se um trabalho improdutivo, e ao aumento dos sistemas de ensino, que se estabeleceram a partir do momento em que as relações de trabalho na sociedade capitalista foram intensificadas devido à Revolução Industrial, instaurando assim uma nova dinâmica na vida dos indivíduos e influenciando em novas formas de exploração.

Além disso, até hoje o trabalho docente é considerado uma atividade dispendiosa que não gera lucro imediato para o capital. Portanto, é possível compreender as transformações no processo das relações de trabalho na sociedade capitalista e o porquê

dessa profissão e de outros setores sociais serem historicamente atacados e desvalorizados por esta sociedade.

Desta maneira, esse descrédito reside justamente no fato de que este profissional e seu espaço de atuação, não produz de modo direto lucros para o capital, mas sim que necessitam de investimentos considerados altíssimos, estimulando nos próprios sistemas de ensino, a cultura por resultados, que fomentam cada vez mais uma educação dual, fragmentada e dividida entre as classes. Sendo assim, para o modo de produção capitalista, os sistemas de ensino tornam-se um produto para se obter maior lucratividade em alguns aspectos, e para subordinar a classe dos trabalhadores a um tipo de formação, que não gere a emancipação dos indivíduos, pois isso seria improdutivo.

> É verdade que transformações relevantes se fizeram na composição da classe trabalhadora, no seu modo de pensar e nas relações de produção e trabalho. [...] As tendências em curso no mundo do trabalho representam mudanças técnicas e de gestão da mão-de-obra de grande relevância, mas que não permitem concluir pela perda da centralidade do trabalho abstrato no universo da sociabilidade moderna. Pelo contrário, o trabalho humano continua sendo, hoje, uma mercadoria peculiar pela capacidade de criar valor, portanto, o fundamento da sociabilidade (Jimenez, Furtado, 2001, p. 43).

Essa perspectiva de perceber o trabalho, principalmente a partir da Ontologia materialista do ser social de Marx, recuperada por György Lukács, percebe que esse complexo apresenta um fundamento ontológico, isto, é, que explica a origem e produção do mundo humano, que em linhas gerais representa uma teleologia primária, sendo a finalidade central da vida humana dada através do trabalho e das formas que ele adquire nas diferentes sociedades em determinados períodos históricos.

> Argumenta Lukács que a gênese do ser social consubstanciou um salto ontológico para fora da natureza. Se, na natureza, o desenvolvimento da vida é o desenvolvimento das espécies biológicas, no mundo dos homens a história é o desenvolvimento das relações sociais, ou seja, um desenvolvimento social que se dá na presença da mesma base genética. O que determina o desenvolvimento do homem enquanto tal não é sua porção natural- biológica (ser um animal que necessita da reprodução biológica), mas sim, a qualidade das relações sociais que ele desdobra (Lessa, 2001, p. 94-95).

Sendo assim, a relação entre trabalho e educação, sob a perspectiva da ontologia marxista, revela-se como um processo histórico-dialético de constituição do ser social. Levando em consideração, que para Marx, o complexo social do trabalho não se reduz à

mera reprodução, mas é a atividade fundamental que distingue o ser humano dos demais animais, pois molda sua consciência e dar vida a outros complexos sociais, influenciando assim diretamente nas relações sociais e na maneira como os indivíduos são educados e que tipo de ser humano será formado, isto é, em que instituição escolar esses sujeitos receberão o seu processo formativo e com quais intenções é um aspecto que precisa ser considerado no entendimento da necessidade dessa relação entre trabalho e educação que permite desvelar também essas intencionalidades, principalmente hoje em dia.

> [...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (Saviani, 2007, p. 13).

Portando, o fenômeno da educação, não é um processo neutro, mas está intimamente conectado às relações de produção e às forças produtivas de cada sociedade. Desta forma, ao analisar a educação sob essa perspectiva, compreende-se que ela não apenas transmite conhecimentos, mas também reproduz e atua na transformação das relações sociais existentes em prol de uma formação omnilateral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a relação entre trabalho e educação na perspectiva marxista permite compreender as contradições e as intencionalidades da sociedade capitalista sobre o processo formativo, especialmente da classe trabalhadora, na qual se observa um ensino fragmentado e precarizado. Retira-se, assim, das camadas populares uma educação que trabalha as diversas dimensões do ser humano. Dessa forma, através da compreensão dessa relação entre esses dois complexos sociais, entende-se que o ensino que os filhos dos trabalhadores recebem não é, de fato, uma educação que promove uma mudança de sua realidade, isto é, que não aprofunda as desigualdades sociais, retirando as possibilidades de transformação social.

Mediante o entendimento destes fenômenos sociais, possibilita-se construir um caminho diferente de luta por uma educação que verdadeiramente atende às demandas de transformação social das camadas populares, permitindo o acesso ao arcabouço histórico

construído pela humanidade, sendo essa a finalidade ontológica do complexo da educação, que, juntamente com uma nova concepção do trabalho, não mais sustentado a partir da exploração de uns sob os outros, permite aos sujeitos a construção de uma sociedade democrática, livre e inclusiva para todos dentro das possibilidades.

Palavras-chave: Trabalho; Educação, Capitalismo, Marxismo, Emancipação.

REFERÊNCIAS

COGGIOLA, Osvaldo. **Introdução a teoria econômica marxista.** Jinkings Editor e Associados LTDA. 1ª ed. São Paulo, 1998.

COSTA, Frederico Jorge Ferreira. **A natureza ontológica do pensamento de Marx.** Revista Eletrônica Arma da Crítica, ano 1, número 1, janeiro 2009.

FRERES, Helena de Araújo; RABELO, Jackline; MENDES, SEGUNDO, Maria das Dores. **O papel da educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica.** In: Anais do Congresso Brasileiro de história da educação, Aracaju–CE, 2008.

JIMENEZ, Susana Vasconcelos; FURTADO, Elizabeth Bezerra. **Trabalho e educação: uma intervenção crítica no campo da formação docente.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha. 2001.

LESSA, Sérgio. **Lukács e a ontologia: uma introdução.** Revista outubro, v. 5, n. 1, p. 93-100, 2001.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**: Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2023.

MELLO, Lívia Mouriño **de. Trabalho e educação: da ontologia do ser social à subsunção real ao capital**. In: FÓRUM NIEP-MARX, 2019, Niterói. *Anais*... Niterói: NIEP-Marx/UFF, 2019. Mesa Coordenada 54. Disponível em: https://www.niepmarx.blog.br/MM/MM2019/AnaisMM2019/MC54/MC543.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

NETTO, J; BRAZ, M. **Economia Política: uma introdução crítica.** Cortez, São Paulo, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e Educação: fundamentos históricos e ontológicos.** Realizada em Caxambu, Minas Gerais, de 16 a 20 de outubro de 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2008.